

FERNANDES, Isabel Cristina F. (coord.)

*As Ordens Militares. Freires, Guerreiros, Cavaleiros.**Actas do VI Encontro sobre Ordens Militares.*

Palmela: Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago, 2012. 2 vols. 1119 p. ISBN: 978-972-8497-56-9

ERNESTO JANA

Em 2014, comemoram-se 25 anos desde que se realizou o I Encontro sobre Ordens Militares. Desses encontros resultaram publicações de atas em 1991, 1992, 1998, 2005, 2009 e agora estas em 2012, num total de 4.765 páginas. No que concerne às presentes actas, existiu clara preocupação no tocante ao aspeto gráfico. A mancha do texto é agradável, embora, a meu ver, com alguns pormenores negativos de importância. O primeiro prende-se com o tipo de letra que, dado o seu corpo, coloca alguns problemas de leitura. O outro, é a cor demasiado clara dos nomes do autor e da instituição, que impede a leitura na sua totalidade. Se bem que a paginação dos dois volumes seja continuada e o índice exista no início de ambos os tomos, não parece prático que de cada vez que cheguemos ao início de um artigo tenhamos de voltar sempre ao índice para comprovar o nome do autor afastando dúvidas de leitura. Um outro pormenor prende-se com a cor da capa brochada. Se no vol. I a cor é o preto, já no vol. II existe uma gradação de cor que é nítida e que não se compreende.

As Actas do VI Encontro estão divididas em sete grandes temas, onde se abrigam 63 estudos, textos orientador e posters. A parte I, "Historiografia e Memórias" apresenta seis artigos. Em *A memória das ordens militares na Idade Média portuguesa; recordações populares e intencionalidade do poder*, Luís Adão da Fonseca, a propósito do manuscrito *Livro dos Copos*, tece considerações sobre o que é a memória histórica. A partir do manuscrito viu surgirem-lhe as relações de poder entre o Papado, a Monarquia e a Ordem de Santiago. O conceituado investigador Jonathan Riley-Smith escreveu *New Approaches to the Hospitallers and the Templars in the central middle ages*, onde fala das fortalezas hospitalárias e templárias fruto dos fatores condicionantes. A presença das ordens militares no Médio Oriente está a revelar-se sob outros olhares originados pela riqueza e lenta exploração dos arquivos europeus. A documentação templária tem trazido surpresas aos historiadores. Já Karl Borchardt em *Historiography and memory: what was new and unique about the Templars?* chama também ele a atenção de autores consagrados. Cita Simonetta Cerrini, cuja obra *La Révolution des Templiers* se baseia em novas leituras da Regra latina. O conceito tradicional das três ordens, *pugnatores, oratores e laboratores*, é igualmente posto em causa nas suas funções básicas, ditas típicas. Os cistercienses são disso um exemplo. O autor dá-nos ainda o caso destas três ordens na sociedade, entre beneditinos e agostinhos, cujas funções se entrecruzam nesta organização tradicional da sociedade. A investigadora Júlia Pavón Benito redigiu *Historiografia de las Ordenes militares en el reino de Navarra (Edad Media)*. A autora percorre toda a historiografia não olvidando sequer a cronística medieval dos sécs. XIV e XV. O trabalho de Garcia Larragueta, datado de 1957, deu novo impulso à historiografia da Ordem do Hospital e de Malta e de uma maneira geral vai ser o farol orientador da investigação nos próximos decénios. Os anos 90 do século passado viram surgir o trabalho de Carlos Barquero

Goñi, mas só em 2004 é que a Universidade de Navarra dá um novo alento à investigação sobre as ordens militares. Bernardo de Sá Nogueira escreveu *Notas codicológicas sobre o Livro dos Copos da Ordem de Santiago (1484-1750)*. Da análise dos documentos transcritos entende que o *Livro dos Copos* deveria antes ser denominado de *Cartulário de Álvaro Dias de Frielas*, a que se acrescentam o que Sá-Nogueira chama de *Aditamentos na Época do Mestre D. Jorge*. Seguem-se os argumentos que o autor usa para justificar a nova denominação do conhecido *Livro dos Copos*. Francisco Izquierdo e Juan de Avila Gijón Granados estão atentos às novas tendências e sobre isso escreveram em texto interessante, intitulado *Historiografía y bibliometria: publicaciones recientes sobre Órdenes militares en bases de datos y repertórios bibliográficos en Internet (2005-2010)*. As áreas das cruzadas e das ordens militares constituem um campo de investigação e reflexão a nível internacional. São mencionadas as principais revistas especializadas, mas os autores não ficam por aqui e consultam os principais repertórios internacionais e espanhóis, como a Dialnet. O resultado é surpreendente, pois o período em causa é de apenas cinco anos mas a profusão de estudos é notável.

A parte II destas atas versa sobre “Prática Religiosa e Espiritualidade Militar” (p. 135-333) e engloba nove estudos. O texto orientador é de Carlos Ayala Martínez e é este mesmo especialista que escreve para este encontro *Espiritualidad y práctica religiosa entre las ordenes militares. Los origines de la espiritualidad militar*. Agora que a espiritualidade é igualmente motivo de interesse, Carlos Ayala Martínez estrutura o seu texto em seis aspetos importantes, como sejam a disciplina religiosa e a vida conventual; a devoção e os sentimentos religiosos; a religiosidade das ordens militares e a sociedade; a relação religiosa entre as ordens militares e as restantes instituições eclesiásticas; a religiosidade e a vida intelectual e, por fim, a espiritualidade militar. É um texto fundamental e de leitura obrigatória sobre a questão da espiritualidade nas Ordens. *Influencias de Cister en Calatrava* é o ensaio que Luis Rafael Villegas Diaz trouxe a este congresso. O autor já escreveu noutros trabalhos que acha que a fundação de Calatrava foi uma novidade e uma transgressão pautada pelo facto de ser uma instituição eclesiástica de cariz militar em tudo semelhante ao que alguns cistercienses haviam feito quando receberam o castelo de Tudejen. O autor centra a sua atenção nos escritos cistercienses, que foram de alguma forma incorporados na normativa de Calatrava e que se mostram através de gestos, rituais e até mesmo no espírito da regra. Helen Nicholson, em *Charity and Hospitality in Military Orders*, vem recordar que os Hospitalários e os Cavaleiros Teutónicos mantiveram estruturas de apoio para os necessitados, peregrinos e doentes. Os Templários estão lentamente a deixar descobrir, para além da estrutura militar, evidências de estruturas preparadas para acolher doentes dentro de um espírito de ajuda ao próximo. Estruturas deste género estão a ser “descobertas” no Reino Unido graças a esta investigação. O trabalho de Jochen Schenk, *The culte of the Cross in the Order of the Temple*, mostra-nos a devoção dos Templários pelo Santo Lenho, dando-nos elementos sobre as várias casas possuidoras de relíquias. Existiam 30 relicários e 41 fragmentos. Se havia esta percepção quando os investigadores se debruçavam sobre um território ou comenda, agora com os dados seriados, temos uma nova noção desta devoção. Ainda na mesma linha de investigação, Natália Maria Lopes Nunes apresenta *O Culto das Relíquias nas Ordens Militares em Portugal*. Partindo da relíquia do Santo Lenho existente em Vera Cruz de Marmelar (Portel), a investigadora chama a atenção para a hierarquização dos espaços religiosos a partir da existência de relíquias e do género das mesmas. O culto de S. Fabião é igualmente posto em evidência até pelo facto de ser

muito intrigante. A Ordem de Santiago tem ainda os Santos Mártires, que surgem no século VIII e alegadamente repousam na igreja de Santos-o-Velho e com réplicas cultuais em Tavira e Alcácer do Sal. Os Templários, no tempo de Gualdim Pais, trouxeram o braço de S. Gregório Nazianzeno, a que, em tempos posteriores, se juntaram as relíquias de S. Sebastião e de Santa Iria. O docente Luís Corral Val apresenta *La dimensión religiosa de la Orden del Pereiro-Alcántara en la Edad Media*. O historiador dá-nos a conhecer a filiação cisterciense da Ordem bem como a sua vida religiosa, aproveitando para elaborar essa análise a partir do normativo e respectivos votos monásticos. Saul Gomes, em *Leituras e espiritualidade nas ordens militares no Portugal medieval*, apresenta um ensaio sucinto mas estruturado em nove pontos. Dada a escassez das fontes, resta ao investigador a análise dos espaços vivenciados como sejam os conventos das ordens e das normativas de cada ordem. Com o exemplo do presbítero Martinho na Soure templária, Saul Gomes aproveita para salientar a importância da matriz cisterciense nos templários. As suas investigações permitem-lhe dar exemplos similares no tocante à Ordem de Avis. Nicole Bériou apresentou o interessante ensaio *Les Ordres militaires sous le regard des prédicateurs au XIII siècle*. Abordar estas questões obriga a recuar até ao séc. XII, momento em que fazem sermões exortando ir para a Cruzada. O espírito da predicação é-nos desconhecido, o que conduz o autor do trabalho a usar o *De laude novae militiae*, de S. Bernardo. Este é escrito de uma maneira familiar, muito à maneira de S. Domingos. O outro testemunho escrito é o de Isaac d'Etoile, redigido de forma muito crítica à atuação das ordens ou de uma ou outra ordem. No século XIII já se observa uma predicação mais regular nas cidades ao mesmo tempo que ordens militares instalam comendas urbanas. No que concerne aos Templários, as predicções em Duzentos são-lhes inócuas ou favoráveis, o mesmo acontecendo com as dos Hospitalários. Os *Elementos de religiosidade em Palmela a partir do códice da visita da Ordem de Santiago de 1510*, trabalho apresentado por João Costa, mostra-nos o manancial de informação que as visitas podem trazer e a riqueza que possuem uma vez bem exploradas. Aspetos como a confissão, comunhão, assistência e caridade, ou organização de confrarias, são apenas alguns dos aspetos que podem ser observados no citado manuscrito.

A parte III tem como tema “Ordens Militares e Poderes” e sobre esta temática são apresentados dez estudos, existindo um texto orientador a cargo de Fernanda Olival e Luís Filipe Oliveira. O primeiro ensaio é o de Simonetta Cerrini com *I Templari, i religiosi e gli intellettuali del XI secolo. Alcuni spunti*. A destacada investigadora aborda a maneira como eram vistos os Templários pelos intelectuais e religiosos do tempo. Aqui está incluído Bernardo de Claraval e o seu conhecido *Elogio à Nova Milícia* onde procura justificar o homicídio do inimigo às mãos de um religioso. Outras personalidades deram o seu contributo para o sucesso dos Templários. Entre eles estava Pedro, o Venerável. O concílio de Troyes, que foi provincial, reuniu quatro abadias cistercienses e duas beneditinas, foi uma oportunidade para muitos dos intelectuais da época expressarem a sua opinião. A investigadora aponta ainda três aspetos que são as regras serem redigidas em latim, traduzidas em línguas várias e, por último, usarem o francês ultramarino (de Jerusalém). José Valente escreve *The end of the knights Templar in Portugal: loyalty or pragmatism?* E nele mete em evidência as diferenças políticas entre os monarcas ibéricos e os restantes reis europeus. É todo o processo de extinção da Ordem do Templo e da criação da Ordem de Cristo, sua sucessora, que aqui é analisada. As *Definições da Ordem de Avis de 1327*, escrito por Luís Filipe Oliveira, dá-nos a conhecer, afinal, o processo de reorganização da Ordem de Avis na

primeira metade do séc. XIV. Estas definições, apesar de incompletas e sem se conhecer se foram aprovadas pelo monarca, dão elementos valiosos para se saber qual o número total de freires, a composição do séquito do mestre de Avis, bem como da distribuição de freires clérigos pelas 21 comendas da ordem. Maria Cristina Pimenta redigiu *A Ordem de Santiago em Portugal: fidelidade normativa e autonomia política*. A autora chama desde logo a atenção para o facto de a Ordem de Santiago ter em vigor o normativo existente do outro lado da fronteira, aplicando-lhe somente alterações mínimas. Terminada a Reconquista, a monarquia inicia de imediato tentativas no sentido de autonomizar a Ordem de Santiago existente em terras lusas. Paula Pinto Costa em *As visitas: as ordens militares portuguesas entre poderes?* Coloca um enfoque sobre este género de documentação. Segundo a autora, as visitas apresentavam três níveis, a saber: as pastorais de origem diocesana; as visitas lançadas pelos órgãos conventuais que as tutelavam; e as visitas acionadas pelo mestre de cada ordem. No caso deste estudo, chamo a atenção para a nota de rodapé 7, dado que Paula Pinto Costa elabora uma extensa lista bibliográfica acerca de trabalhos científicos que tiveram as visitas como base, constituindo um útil instrumento de trabalho. *Administração da Ordem de Santiago e poder concelhio: a ascensão de Estêvão Esteves, um criado do comendador de Sesimbra*, apresentado por José Augusto Oliveira é um interessante trabalho sobre um indivíduo oriundo de Odemira, de nome Estêvão Esteves. Foi criado e escudeiro do comendador Diogo Mendes e, mais tarde, chegou a vedor e mordomo. Já casado, contribuiu para a concentração fundiária na zona de Sesimbra, donde era a esposa. Irá preservar a memória da região através da elaboração de tombos. Feliciano Novoa Portela trouxe como contributo *Garcia Fernández y la política de afirmación monárquica de Alfonso X*. O mestre da Ordem de Alcântara, Garcia Fernández, é um personagem pouco conhecido. É sabido que em 1254 Afonso X quis unir a Ordem de Calatrava e a de Alcântara, talvez para renovar esta última. Questões de territorialidade e de poder levaram o monarca, a propósito de questões com os Templários, a alterar os espaços onde a Ordem de Alcântara se movia. Barbara Bombi trouxe à colação *The Teutonic Order and the papacy*. Só há pouco é que se começou a investigar o papel dos Teutónicos no Mediterrâneo. Desde 1985 tem sido dada mais atenção àquela que já foi vista como os templários do norte europeu. Após considerandos de natureza historiográfica, a autora elenca datas importantes para o reconhecimento institucional da ordem nos sécs. XIII e XIV no âmbito do papado. Atente-se ao aparato bibliográfico contido nas notas de rodapé, principalmente na nota 13, que pode servir de base de trabalho a um investigador. José Ignacio Ruiz Rodriguez, com *Confessionalidad y prácticas sociales de los caballeros de las órdenes militares*, apresenta um primeiro resultado de um maior projeto de investigação. Apresenta evidências que de tão evidentes se tendem a eclipsar como as de que os cavaleiros mudam tanto como as circunstâncias e momento em que vivem. Eles (os cavaleiros) movimentam-se no seu tempo e a tradição com que nós os apreciamos e estudamos não será a verdadeira realidade em que se moveram. Os cavaleiros dos sécs. XVI e XVII movimentaram-se entre a modernidade e a tradição. O último trabalho deste capítulo é o de Fernanda Olival que apresenta aqui *Comissários das ordens militares e comissários do Santo Ofício: dois modelos de actuação*. Este é o resultado de um estudo mais amplo. Estando a honra muito alicerçada na limpeza de sangue, a entrada no Santo Ofício ou nas Ordens Militares era sinónimo dessa proclamada limpeza de sangue. A autora destaca que os comissários do Santo Ofício terão surgido cerca de 1570, e a Mesa da Consciência pouco após 1619.

A parte IV, “Modelos e Práticas Sociais”, conta com 11 artigos. O primeiro, de Nikolas Jaspert, igualmente o responsável do texto orientador, intitula-se *Military orders and social history: some introductory thoughts*. Chama a atenção para a enorme diversidade das ordens militares e coloca igualmente em relevo a existência de casas das ordens militares nas cidades, facto que em Portugal tem sido de pouco estudo e no Congresso de Troyes de 2012 foi objecto de comunicações. Neste campo, o autor fornece-nos ampla bibliografia nas notas de rodapé. Existe ainda a chamada de atenção para as relações entre as ordens militares. Thomas Kramer publicou *The role of the military orders in German and French towns: functional comparisons*. Também este autor privilegiou as ordens militares nas cidades, olhando para as comendas urbanas no sul de França. Estas comendas urbanas poderão e certamente tiveram uma função económica importante, sendo ainda a componente visível das casas-mãe das ordens militares. Joel Mata retoma um tema que lhe é querido e que é o mosteiro de Santos. Neste caso estudou *A educação das freiras no Mosteiro de Santos*. A primeira casa onde se recolhiam com decência as mulheres e filhas dos cavaleiros da Ordem de Santiago surgiu na vila de Arruda em 1172. É, uma vez mais, a visita que dá muita informação. As noviças eram ensinadas a não serem murmuradoras, soberbas, cobiçosas, preguiçosas, negligentes, etc., e, em simultâneo, a cultivarem as virtudes que uma boa cristã deve possuir. Anne Brogini deu a conhecer o ensaio *Préserver son image. L'Ordre de Malte au début de l'époque moderne*. A Ordem de S. João de Jerusalém, nos inícios do séc. XVI, perde Rhodes e sofre um revés na ilha de Gozo; e Tripoli deu-lhe problemas em 1551. A sua reputação caiu a pique e havia a necessidade de recuperar a imagem militar e, em simultâneo, devia-se renovar um ideal religioso puro. O terceiro pilar da ordem, a hospitalidade, deveria ser mantido e modernizado tanto no acolhimento como nos cuidados médicos. João de Figueiroa-Rego escreveu *Signos de representação, limpeza de sangue e hábitos de ordens militares (séculos XVII-XVIII)*. O autor procedeu ao levantamento de colegiais maiores de Coimbra e deputados à Mesa de Consciência e Ordens entre 1600 e 1749 com as respetivas inquirições de honra e limpeza de sangue. Hubert Houben publicou *A northern military order in a Mediterranean context: the Teutonic knights in Southern Italy (13-15 centuries)*. A Ordem Teutónica é, no entender do autor, uma ordem nacional do império romano-germânico, mas que, apesar disso, estendeu o seu raio de ação desde o Médio Oriente ao Báltico. No seio da Ordem, existiram elementos que eram não-alemães e a normativa não foi nunca contra esse facto. Interessante recordar que a sede administrativa da Ordem passa, após a queda de Acre, em 1291, para Veneza e, a partir de 1309, para a Prússia. Pestana de Vasconcelos apresentou o trabalho *Ser freire, ser comendador: as consequências sociais da ascensão institucional*. Estudou algumas linhagens da nobreza e o modo como estas se relacionaram com as ordens militares durante um período de tempo longo que medeia entre 1385 e 1495. Viu quais foram as causas de entrada na ordem (fragmentação de propriedade, surgimento do morgadio, mudança dinástica, novas fontes de rendimento). Clara Almagro Vidal escreveu *La Orden de Calatrava y la minoría mudéjar* onde uma vez mais se constata uma realidade nunca apreendida e que é o facto de os mudéjares não serem uma comunidade fechada. Claro que o meio socioeconómico que os envolve condiciona a forma de estar de uma dada comunidade. A autora estudou a documentação disponível, conseguindo elaborar um conjunto de indicadores da presença de mudéjares nos territórios dominados pela Ordem de Calatrava, além de se aperceber de qual foi a política da ordem em relação a este segmento populacional específico. Atente-se às notas de rodapé que nos oferecem boas pistas

de trabalho. Manuel Lamas de Mendonça estudou *O mestre D. Lopo Dias de Sousa um neto de reis com descendência controversa*. O presente artigo preocupa-se, com base em novos dados, em refazer e atualizar a biografia daquele que foi mestre da Ordem de Cristo, centrando a atenção nas relações de parentesco da família de D. Lopo com a Casa Real. Francis Dutra, que já nos habituou à sua presença, cordialidade e interesse pelas Ordens Militares, veio dos EUA com *As Ordens de Cristo, Santiago e Avis durante o Interregno (1580)*. A partir da documentação existente em Madrid, o autor consegue averiguar que, só no caso da Ordem de Cristo, poderão ter tomado o hábito cerca de 86 elementos. E tal número poderá indicar a recompensa que a monarquia dual concedeu a alguns dos seus partidários. Ronald J. Raminelli trouxe-nos *Índios cavaleiros das Ordens Militares (1571-1721)*. Tema quase nunca tratado, o autor chama desde logo a atenção para a existência de cartas de hábito dadas a guerreiros tupis. Desde 1571 as coroas portuguesa e espanhola deram nove hábitos a guerreiros tupis, embora como óbice se chame a atenção para o problema da limpeza de sangue.

A parte V destas atas teve como tema Oriente e Ocidente. O texto orientador é de Philippe Josserand e estão aqui insertos dez textos, predominando os autores franceses. O primeiro é do próprio Philippe Josserand, apresentou *De l'arrière au front: perspectives croisées, perspectives comparées. Regards sur la logistique des ordres militaires au Moyen Âge*. O que está em causa é a ligação umbilical entre a frente e a retaguarda das ordens militares. Só recentemente se colocou esta questão e, no caso dos Encontros de Palmela, tal só teve presença neste VI Encontro. Este facto, segundo o autor, faz de Palmela um centro europeu de excelência ao nível do pensamento sobre as ordens militares. Para Josserand, as ordens militares funcionaram na realidade à escala global. As ordens militares do Templo e do Hospital, nas suas muitas comendas, entregavam parte dos proventos às respetivas sedes. Josserand aponta o facto de considerarmos a frente de combate como estando no Oriente. Mas existe uma outra frente localizada na Península Ibérica, na fronteira com Granada e em que as ordens militares sediadas na nossa península viram chegar reforços oriundos de França e Itália para além de dinheiro e víveres. Klaus Militzer dá-nos *Administrative organisations of the three main military orders in the Holy Land*. Nele K. Militzer aponta aspectos da normativa templária conducentes à administração. As regras seguintes vão acrescentando elementos sob os novos cargos que se tornam necessários e as respectivas hierarquias. Também os Hospitalários são aqui referidos com base na documentação existente. Pierre Vincent Claverie em *Les Templiers informateurs de l'Occident a travers leur correspondance*, mostra-nos uma visão diferente dos templários, para lá da própria ordem militar. Os templários nos primeiros tempos eram poucos e não falavam árabe. Comunicavam em francês e com codificação. As muitas comendas comunicavam entre si através de correio terrestre ou marítimo. O epistolário conhecido foca aspetos militares e a situação política e militar no reino de Jerusalém. A melhoria e maior difusão da informação templária no séc. XIII permite à Milícia dispor de uma cada vez mais fiável informação e aos investigadores atuais de mais e melhores fontes para a compreensão da Ordem do Templo. Carlos Barquero Goni redigiu *La provincia castellana del Hospital e el Oriente en la época de Rodas*. Castela já tinha um priorado da Ordem do Hospital desde o séc. XII e, como todos os priorados europeus, dependia da casa-mãe, sediada no mediterrâneo oriental. Mas só em Trezentos é que o Mestre da Ordem começa a dar uma cada vez maior atenção ao priorado castelhano. Alain Demurger escreveu *Subsidium terrae sanctae et Ordres Religieux-Militaires*. Para manter as

Ordens no Oriente são necessários víveres, homens, dinheiro, etc.), a que se chamou *Subsidium Terrae Sanctae*. O papado compreendeu rapidamente que podia tirar partido da popularidade das ordens militares. Com a situação a complicar-se na Terra Santa na segunda metade do século XIII, o papado carrega ainda mais nos apelos ao *Subsidium Terrae Sanctae*. O Dr. Kristjan Toomaspoeg deu-nos a conhecer *Charles 1er d'Anjou, les ordres militaires et la Terre Sainte*, onde mostra o poder de Carlos d'Anjou, poder esse que abarcou todas as ordens militares. Elabora o autor as origens dos laços entre a corte angevina e as ordens militares. Mercê destas estreitas ligações, observa-se sem surpresa que Carlos d'Anjou teve uma política real e efetiva para o reino de Jerusalém. Esta ligação teve consequências positivas a nível económico, pois as exportações francesas para Jerusalém aumentaram. Damien Carraz apresenta-nos um trabalho interessante *Les Templiers de la Provence a la Terre Sainte: nobilite et carrières (XII-début XIV siècle)*. Com base nos inquéritos de 1307-1311, o autor conseguiu dar-nos a conhecer a contribuição da Provence na defesa da Terra Santa inserida no chamado *Subsidium Terrae Sanctae*. As comendas tinham como uma das suas funções recrutar homens como futuros templários. As casas das Ordens Militares localizadas em zonas portuárias estão ativamente envolvidas nos envios regulares de navios para o Oriente e também para Espanha, palco de guerra. Elena Bellomo procura, através do interessante artigo *Templari, oriente, crociata: percorsi di ricerca in Italia settentrionale*, evidenciar a importância crescente da Itália setentrional no desenvolvimento das funções logística e militar da Ordem do Templo no Oriente. Também esta ordem militar foi uma peça chave por parte do Papado no que concerne às Cruzadas. Considera ainda necessário observar a documentação sob um ponto de vista que transcenda a dimensão regional da mesma. João Gouveia Monteiro publicou *As ordens militares e os modelos tácticos de combate de um e do outro lado do Mediterrâneo – uma abordagem comparada* e onde estuda os modos de combater quer em terras da Reconquista quer em Jerusalém. Chama a atenção de que as bases sociológicas, institucionais e tecnológicas não eram diferentes. Mas na Península Ibérica imperou o sucesso enquanto, em Jerusalém, o reino acabou com derrotas militares. Segundo o autor, a autoridade política era fraca ou inexistente a que se aliavam deficientes meios militares e financeiros. Já na Península Ibérica existia uma autoridade política forte e meios militares e financeiros. Joan Fuguet Sans e Carme Plaza Arqué elaboraram umas *Notas sobre arquitectura militar y religiosa del Temple de la corona de Aragón y su relación com oriente*. Os autores mostram as ligações entre a arquitectura religiosa do Oriente e a arquitetura templária existente em Aragão.

A parte VI é dedicada à Arte e Ordens Militares. Aqui se abrigam cinco textos. Olga Pérez Mónzon escreveu *Espácio funerário y órdenes militares en la Castilla medieval*. São relatados vários casos onde ainda hoje existem sepulcros de género variado existentes nas igrejas paroquiais, bem como nos templos tutelados pelas ordens militares. Menciona os cuidados que foram postos tanto na localização das tumbas como em tudo aquilo que as envolvia não esquecendo os rituais usados em memória dos finados. Miguel Soromenho apresentou *Mateus do Couto, o Velho (ca. 1581-1664), arquitecto das Ordens de Santiago e Avis*. Traça igualmente o percurso profissional deste arquiteto, apontando momentos-chave deste percurso. Margarida Valla escreveu *Arquitectos e engenheiros militares das ordens militares no período da Restauração. A cidadela de Palmela*. Após uma resenha sucinta da arquitetura nacional, chama a atenção para a alteração surgida no período filipino, em que a arquitetura militar passa a ser cada vez mais autónoma, dominada em simultâneo por espanhóis e italianos. Wifredo Rincón García apresentou *El*

Convento e Iglesia de San Juan de los Panetes de Zaragoza, sede de la Castellania de Amposta, de la Orden de San Juan de Jerusalém. Este é um dos enclaves mais importantes da ordem e o autor faz um breve historial da Ordem de S. João na coroa de Aragão. De seguida debruça-se sobre o conjunto palaciano e conventual de S. Juan de los Panetes. Este edificado começou o seu ocaso em 1805, vendo-se despojado dos arquivos em 1877. Em 1914, o conjunto estava abandonado e em 1931 começou a ser demolido na quase totalidade. Giulia Rossi Vairo aborda a *Arte da Ordem Teutónica em Itália (sécs. XII-XV)* que se afigura mais ser a apresentação de um interessante projeto de investigação que visa conhecer a arte teutónica em Itália.

A parte VII e última enquadra “Temas Diversos” sob a forma de sete posters. Maria Teresa Lopes Pereira apresenta dois temas. No primeiro, *Um olhar sobre o Convento da Ordem Militar de Santiago em Alcácer do Sal*, a autora faz o historial do local que, aliás, conhece bem. Publicou uma obra sobre o período medieval de Alcácer em 2000. Apesar disso, este convento tem estado um pouco esquecido e com a abertura do Museu da Cripta Arqueológica do Castelo de Alcácer, o local ganha uma nova notoriedade. Como complemento natural deste artigo, a mesma investigadora apresenta outro poster *A tomada de hábito e profissão na Ordem de Santiago*. Chama a atenção para a dualidade espatária, que é o rezar e o combater (e que é igualmente apanágio das outras ordens militares) para de seguida, e com base na normativa, elencar as condições para entrar nos espatários. Duarte Gil Nunes apresenta *A comenda de Noudar nos finais da Idade Média*, explanando os primeiros resultados sobre o estudo desta comenda no período medievo. Paliana Monteiro Barreiro deu a conhecer neste poster *Setúbal – comenda mestril da Ordem de Santiago: um percurso investigativo*, afinal o cerne da sua tese de doutoramento. Apresenta a historiografia portuguesa sobre ordens militares, que usa, e em especial as visitas santiagoistas a Setúbal no século XVI. Joaquim Candeias da Silva trouxe à colação *Ordem de Santiago vs. Ordem de Cristo – o caso de D. Francisco de Almeida: novos documentos*. Esta investigador apresenta documentação que refere a presença de D. Francisco de Almeida na Ordem de Santiago. A documentação mal interpretada dava-o como tendo transitado para o Convento de Tomar por volta de 1505. Mas, em 1506, continuava, afinal, espatário. José Antonio Guillén Berrendero apresenta em poster um projeto de investigação subintitulado *Identificando prestigio sen Portugal: una reflexión sobre el papel del vocabulário y los testigos en las habilitações de la Orden de Cristo durante la primera mitad del siglo XVIII*. A sua pesquisa centra-se em indagar sob que forma o interrogatório, peça base das habilitações da Ordem de Cristo, e as respostas dadas obedecem a uma mesma ideia de honra e prestígio. Inês Versos apresentou *Atestar a honra. A prática das inquirições na Ordem de Malta e no Santo Ofício em Portugal nos finais do Antigo Regime*. A autora identificou os requisitos de acesso a cavaleiro nas ordens de Cristo, Santiago e Avis e Malta. Após a verificação dos requisitos, observou semelhanças e diferenças nas fases do processo de recrutamento e logo começou a notar a diferenciação na questão de direito a candidatar-se à insígnia.